





## **CONSELHO ESTRATÉGICO DE INFORMAÇÕES DA CIDADE**

Ata da reunião de 21 de dezembro de 2020

Nesta data, reuniu-se por convocação da presidência do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP), o Conselho Estratégico de Informações da Cidade (CEIC), órgão colegiado da estrutura do IPP, de acordo com a Lei 2.689, de 01 de dezembro de 1998, com a seguinte pauta:

*Índice de Progresso Social: entendendo a desigualdade territorial para apoiar as políticas públicas – Atualização 2020*

O presidente do Instituto Pereira Passos deu início à reunião e realizou as seguintes observações:

Paulo Cesar Amendola: Boa tarde a todos. “Índice de Progresso Social: entendendo a desigualdade territorial para apoiar as políticas públicas” foi um tema apresentado e de imediato aceito e aprovado pela sua relevante importância. O palestrante é o nosso querido Fernando Cavalieri, cujo nome, eu muito antes de vir para o IPP, já havia chegado o nome do Nando Cavalieri pelo seu preparo, pelo seu grande profissionalismo, seu conhecimento. Inclusive, a nossa Andrea Pulici já tinha me passado a ficha do Fernando Cavalieri e eu fiquei bastante entusiasmado até para conhecê-lo.

- Por conta da pandemia, lamentavelmente, quando publicou a minha designação para o IPP, não pude assumir na presença dos colegas e sequer pude assumir de fato o IPP. O trabalho não presencial dificulta muito o contato pessoal, aquilo que é muito importante para que nós possamos dinamizar o trabalho em qualquer organização.

- Queria homenagear o nosso palestrante Nando Cavalieri, mesmo depois do nosso tempo aqui na prefeitura, dia 31 de dezembro deste ano, eu faço questão de conhecê-lo. Irei ao IPP, pedir ao novo presidente que me permita chegar até o Nando, cumprimentá-lo pessoalmente, isso será uma honra para mim. A Andrea e o Carlos irão me suceder, também são grandes profissionais, grandes coordenadores do IPP. O primeiro, de informações da cidade, a segunda, de projetos especiais. Já são antigos colaboradores da prefeitura. E vão dar também algumas palavras após eu acabar de falar.

- Queria, praticamente seria minha última missão na prefeitura da cidade do Rio de Janeiro no momento, evidentemente com o tempo outras coisas poderão ocorrer, mas na prefeitura e no IPP essa é praticamente a última missão importante neste período, neste mandato. Queria agradecer a todos os colegas que, mesmo à distância, puderam nos apoiar, nos ajudar. E, pedir desculpas aos colegas, aquilo que não pudemos resolver com certeza não faltou esforço, foi a própria máquina da prefeitura e as dificuldades existentes não me permitiram dar solução.

- Mas, de qualquer forma, eu agradeço nesse início do conselho imensamente aos colegas de trabalho. Especialmente, Andrea, Carlos, Daniela, aquelas pessoas que, na verdade, me deram informações para que eu pudesse adiantar alguma coisa, fazer alguma coisa pelo Instituto

Pereira Passos. Passo a palavra agora à nossa coordenadora de projetos especiais, conforme a pauta do trabalho, Andrea Pulici.

Andrea Pulici: Como é a última reunião do conselho esse ano, a gente vai fazer uma breve fala sobre os últimos projetos que a gente entregou esse ano. Eu passar a palavra para o Carlos primeiro, depois eu falo e passo para o Nando apresentar.

Carlos Krykhtine: Vou compartilhar uma tela aqui. Nos últimos quatro anos, a gente conseguiu consolidar de fato o Sistema de Informações Urbanas, que foi criado lá no plano diretor, depois de um investimento grande e um financiamento do Banco Mundial. Posso dizer que é um trabalho de duas gestões para conseguir consolidar essa plataforma. Hoje, a gente está, de fato, com um trabalho bem robusto, com as secretarias e os órgãos participando de maneira mais atuante.

- A gente pôde perceber esse ano um grande número de acessos. Cresceu bastante no data.rio, que é a face pública do Siurb. Estamos bastante orgulhosos de estar chegando no final desse tempo com esse trabalho realizado.

- Um dos destaques, já fizemos algumas apresentações sobre isso, o Painel Rio Covid e todas as ações que o Instituto pôde desempenhar para apoiar o poder público e a prefeitura no combate à pandemia. Dizer que o painel foi um grande sucesso atingindo quase três milhões de acessos. A cartografia da cidade também foi um trabalho muito intenso, conseguimos atingir 100% de todas as folhas cartográficas da cidade. Para frente, ainda tem um aperfeiçoamento dessa cartografia. A gente cada vez faz menos grandes restituições, mas atualizações contínuas.

- Esse é um trabalho que também nos dá muito orgulho. Ele nasceu na gestão anterior e já estamos aí para continuar mais cinco anos no trabalho junto com a Agência Espacial Americana. A gente gosta de lembrar que é a única cooperação no mundo entre a Agência Espacial Americana e uma prefeitura. O principal fruto que nasceu dessa cooperação, o modelo Lhasa, que aponta situação de risco e de deslizamento no município já estará em operação integrado no Centro de Operações Rio já para as chuvas desse verão. Tem índice de acerto de 88%, a gente está também bastante orgulhoso desse trabalho e da cidade contar com um sistema de alerta desses.

- Dentro da linha de mudanças climáticas, também apoiado muito por esse trabalho da nossa cooperação com a NASA, a gente avançou nessa gestão em um passo super importante, internalizar aqui dentro da prefeitura a realização dos relatórios de emissão de gases de efeito estufa. E, também todos os encontros climáticos que a gente conseguiu realizar. Lembrando também, não posso deixar de fazer essa propaganda, que a gente conseguiu transformar a nossa livraria no mundo virtual. A gente tem agora na internet a Livraria do IPP, ela está em um trabalho evolutivo constante. Mas dentro da pandemia em que as pessoas ficaram com restrição de acesso aos serviços como o nosso da livraria, esse serviço veio a calhar, foi uma boa conquista para esse momento.

Andrea Pulici: Acho que todos receberam o bloco final da publicação do PROAP. O PROAP é um convênio que o IPP tinha com a Secretaria de Habitação. A gente começou isso em 2012, quando fizemos os levantamentos antes da obra, acompanhamos durante a obra e fizemos o levantamento pós-obra. Todo esse trabalho ficou resumido tanto em uma aplicação dentro do Siurb como em um box onde nós temos dois volumes, tanto da ferramenta do mapa rápido participativo, que entrou como uma ferramenta de monitoramento da obra, como também da

avaliação de impacto propriamente dita nas áreas que foram elencadas para avaliação. E, os outros dois volumes são os resultados que a gente apresentou desse convênio. Acho essa parceria muito importante, o IPP ficou super bem destacado. Em vários pontos do relatório, eles indicam que essa ferramenta precisa ser avaliada, utilizada e vai ser replicada em várias cidades.

- Territórios Sociais, a gente já teve algumas apresentações aqui no conselho sobre ele, é um programa desenhado em 2016, na gestão anterior. Em 2017, a gente apresenta ao prefeito, faz o primeiro piloto e ano passado a gente assume um acordo de cooperação com a ONU Habitat e implementa Territórios nos 10 grandes complexos. Para terem uma ideia, hoje a gente já rodou a busca ativa em mais de 70% dos domicílios e já temos 30.000 famílias Territórios Sociais. O eixo urbano esse ano mudou muito, conseguimos fazer muitos diagnósticos para que a gente possa vir a fazer alguma intervenção nessas áreas no próximo ano. E, ganhamos um prêmio do Governarte, “Eduardo Campos”.

- Quando eu entrei aqui no IPP, a ideia era que a gente transformasse, tivesse uma gerência de avaliação de impacto. Então, a gente usou também esse recurso do Banco Mundial. Primeiro, junto com alguns parceiros, organizamos alguns cursos de avaliação de impacto. E desenvolvemos três grandes avaliações de impacto. A do PROAP, fizemos a avaliação da política do turno único nas escolas, e estamos finalizando a do próprio programa Territórios Sociais.

- Esse é o maior desafio, acho, que a gente teve esse ano. Ano passado, a secretaria de Assistência Social procurou o IPP para a gente desenhar o Censo de População de Rua. Começamos esse trabalho em março de 2019. Primeiro, com todo um trabalho metodológico para saber qual seria melhor metodologia para fazer um Censo para a cidade do Rio. Chegamos a fazer a licitação para que a gente colocasse o projeto na rua em novembro, tivemos um problema com a licitação e quando colocamos de volta, iríamos entrar em campo em março e veio a pandemia. Ficamos acompanhando, fizemos todo um remanejamento dos roteiros nesse momento de pandemia e agora no final de outubro realizamos a coleta de dados. Foram quatro dias intensos de trabalho, trabalhamos 20 horas por dia, mas finalmente finalizamos a coleta de dados. A análise da base e os primeiros resultados esta semana.

- Estamos desenhando um hub dentro do Siurb, onde terão todos os dados, não só toda a metodologia, as ferramentas, os roteiros, principais resultados e a base de dados. A gente deve lançar agora, 28 de dezembro. Assim que ela estiver pronta, eu coloco dentro do link do conselho estratégico. Territórios Sociais nós também estamos finalizando hoje. Assim que estiver publicado lá, eu também coloco para vocês.

- E, a gente trabalha muito com indicadores. Aqui todo mundo conhece o IDS, Índice de Desenvolvimento Social, inclusive o pai do IDS é o Nando. A gente estava com a pretensão de esperar a atualização do IDS em função do Censo 2020 porque é um Índice que depende do dado censitário, que é a cada 10 anos. E por isso, em 2016, nós juntamos um grupo de trabalho intersectorial para desenhar um índice com dados administrativos.

- Então, em 2016 a gente manda o Índice de Progresso Social, nós fomos buscar no mercado todos os índices que existiam, fizemos uma longa varredura. E a gente entendeu que o IPS se acertava, justamente pela possibilidade de adequá-lo à realidade da cidade. O primeiro IPS desenvolvido no Brasil foi na região amazônica. Quando você falar de oportunidade, eles, por exemplo, falam do acesso da comunidade ribeirinha ou, por exemplo, o tempo de deslocamento. E, quando a gente fala aqui de oportunidade, a gente traz, por exemplo, o

indicador de acesso de jovens negros ao ensino superior, a gente traz para a realidade concreta da cidade, quais são os nossos desafios a serem superados.

- A gente também teve um desenho do IPS Comunidade, ou seja, através de coleta de dados primários, nós conseguiríamos rodar um IPS para qualquer área da cidade. O nosso teste foi na Maré, nós coletamos o dado em 2016, fizemos toda a metodologia, no final de 2017 ele estava pronto, o relatório executivo dele em 2018. Não só tem os resultados da Maré, mas ferramenta para que ele possa ser aplicado em qualquer outra área da cidade.

- E, desde o ano passado, a gente também vem junto com a Secretaria de Assistência Social desenvolvendo um IDFC, que é o Índice de Desenvolvimento Família Carioca. São dados do Cad para que a gente possa acompanhar o que vem acontecendo com as famílias beneficiárias do Bolsa Família e do cartão Família Carioca. E, do ano passado para cá, um grupo vem tentando desenhar um novo programa de transferência de renda municipal através da avaliação do IDFC.

- Eu passo agora para o Nando. Esse índice ficou pronto literalmente sexta-feira, passamos o final de semana ajustando a apresentação. Eu queria aproveitar e agradecer. Não só ao Nando, mas Paulinha, Karen, Teo, que se empenharam muito na última semana para que tivesse esse trabalho. Ao longo dessa semana, a gente deve subir todos os dados de 2020 para a plataforma. E o relatório metodológico também, a gente vai subir tudo lá na plataforma. Nando, meu querido, é contigo.

Fernando Cavallieri: Antes de começar, eu queria dizer o seguinte: agradeço às gentis palavras do nosso presidente, mas queria dizer, como me ensinou meu mestre de filosofia Sergio Besserman, “o diabo só é conhecido porque ele é velho, não porque ele é sábio”, é o meu caso. O diabo não é sábio coisa nenhuma, mas ele é velho, então acaba ficando muito conhecido. Eu tenho a sorte de poder trabalhar com pessoas que poderiam ser meus netos e minhas netas. E, quero agradecer a eles e, sobretudo, aos presidentes, Amêndola, Mauro Osorio, pela confiança que tiveram no meu trabalho, no nosso trabalho. Agradecer a todo o pessoal do IPP, quero lembrar da Tânia, nossa colega da administração, homenageando-a, que foi vítima dessa terrível doença. Homenageio também todos os colegas da administração. Daniela, lá na cozinha da presidência, puxando os cordões para que as coisas andem. E, naturalmente, os técnicos queridos com quem eu trabalho há tantos anos, mas, sobretudo, os meus chefes. Andrea Pulici, nossa líder maior, Valverde, Carlos. E, com esses agradecimentos, eu acho que a gente encerra um ano difícil, mas encerra também uma fase da vida, um governo.

- Essa é a última apresentação, coube a mim a honra de fazê-la. Tenho certeza que esse ano foi bom, sobretudo, porque eu pude conviver com esse conselho com tantos e bons queridos amigos e amigas, ouvindo tantas coisas importantes, interessantes para a nossa cidade. Bom, passemos ao trabalho. O nosso índice, que Andrea já falou, tem a alta direção dela mesma com a participação muito grande de Paula, Caio, jovens sociólogos promissores e grandes técnicos. E, entra aí também a recém-contratada estagiária, Úrsula.

- Alguma coisa sobre os conceitos do IPS. É preciso entender que é um índice que se preocupa com indicadores sociais e ambientais. Ele vai medir aquilo que foi concretamente obtido em cada administração, de cada lugar. Não com as intenções, não com os orçamentos, não com os investimentos. Sobretudo, a importância dele reside no fato de ser uma ferramenta útil para ação dos governos. Nós vamos mostrar isso em função, sobretudo, da sua enorme quantidade de ferramentas, de possibilidade de utilização que ele tem.

- Ele pretende, enquanto progresso social, medir algumas coisas. Sobretudo, a capacidade de atender às necessidades humanas básicas, de garantir a qualidade de vida dos cidadãos, atender, mas também garantir. E, assegurar que as oportunidades sejam igualitárias. Tudo isso para que o indivíduo possa atingir a sua autorrealização, que é o fim e último do que se considera progresso social. Essas três questões aí, que nós vemos aqui também na forma de perguntas, em que medida as necessidades essenciais da população são atendidas? As respostas a essa pergunta estão contidas nessa dimensão das necessidades humanas básicas, que incluem aspectos como nutrição, cuidados de saúde, água e saneamento, moradia e segurança pessoal.

-Também temos a pergunta: em que medida as estruturas sociais vão garantir, aquela ideia de que não basta melhorar a parte social, mas é preciso também que ela seja sustentável, “garantível” durante aquele momento que você está medindo. E, também que haja uma melhora constante. São os fundamentos, portanto, do bem estar.

- Finalmente, a dimensão das oportunidades. Vistas essas duas dimensões anteriores, quais são as oportunidades que a sociedade oferece para que todos possam alcançar seus objetivos pessoais e tenham condição de atingir seu potencial. Aqui é para ter uma ideia, eu não vou poder ler todos, mas essas três dimensões se dividem em 12 componentes, quatro componentes para cada dimensão, que, por sua vez, se subdividem em 36 indicadores aí listados. Alguns componentes têm dois, outros, três, outros até quatro indicadores. Formando uma pirâmide da base para o pico. A mensuração é uma mensuração direta, apenas variáveis sociais e ambientais. Como eu já disse, utilizando resultados finais. Não processo, não insumos, não investimentos.

-Trabalhamos com dados administrativos e com dados do censo demográfico feito pelo IBGE. Isso tem nos permitido, ainda com alguma dificuldade, sobretudo com relação a falta do censo demográfico e ao fato de que a periodicidade dele é muito longa, de dez anos, mas tem nos permitido uma capacidade de atualização periódica, que é o grande fator de importância do índice. Nós estamos conseguindo fazer de dois em dois anos, rodar esse índice para a cidade, para as suas regiões administrativas.

- E, devo dizer também que o processo de cálculo dele é um processo, até certo ponto, sofisticado, bem importante também. Os indicadores são normalizados, variando de zero a um, de zero a 100, no caso. Tem o desvio padrão, uma medida estatística e depois é feita uma análise fatorial para que os componentes tenham pesos diferentes conforme a importância que tem na composição do índice. Aquilo que eu vinha falando, que conseguimos atualizar até uma boa quantidade, 58% dos dados.

- Esses foram atualizados não só para 2019, como para 2018 também. O DataSus, Secretaria de Saúde, dados do próprio IPP com relação, por exemplo, às favelas, a Segurança Pública, o Ideb, a Comlurb, são dados bem recentes do ano passado. 2018, o censo escolar, o Tribunal Superior Eleitoral e o Cad Único, que é aquele cadastro dos programas sociais federais que permite as pessoas ganharem o Bolsa Família e outros benefícios. 2017, Secretaria Municipal de Cultural, 2016, a Ana, que é a Avaliação Nacional de Alfabetização, importante teste que foi feito no ano de 2016. E, também alguns dados do Tribunal Superior Eleitoral.

- Vamos aos resultados. Bom, o nosso IPS chegou a 60,79, o IPS versão 2020. Sendo que necessidades humanas básicas, aquela primeira dimensão, obteve o valor mais alto, 74,13. Depois, ‘oportunidades’ ficou com 56, podem ver que está bastante abaixo.

- E, finalmente, fundamentos do bem estar com 51 pontos. Como se comportam as regiões administrativas com relação ao IPS sintético e a cada uma das três dimensões. Nesse gráfico aqui, a gente vê todas as RAs e o Rio de Janeiro ali como um valor médio. No IPS, a região da Portuária foi a que teve menor índice. Eu não consigo ver aqui, mas Botafogo foi a maior, 85,03. Se nós olharmos aí, estamos vendo que infelizmente há muitas regiões administrativas, a maioria, que estão abaixo da média da cidade.

- Esse é um mapa que mostra exatamente isso, em que as cores verdes são os melhores índices, amarelo ou essa cor caramelo, mediano, e vermelho é o pior índice. Então, há uma grande concentração de regiões verdes na Zona Sul e na Barra da Tijuca. Grande parte da cidade está nesse tom caramelo e alguma regiões como Cidade de Deus, Jacarezinho, Inhaúma, Alemão, Maré, a Portuária e Pavuna com os índices mais baixos. Se nós pegarmos a primeira dimensão, que é a de necessidades humanas básicas, nós vamos ver que ela variou bastante também. De 54 no Jacarezinho a 92 em Copacabana. Aí, ainda há uma boa quantidade de RAs abaixo da média da cidade, que foi 74, mas um pouco menos que no índice sintético. Esse é um mapa que mostra isso nas necessidades humanas básicas. Aí, temos outras regiões como Guaratiba também baixo, Centro também aparecendo aí.

- Complexo do alemão e a própria Maré estão em melhor situação, já Inhaúma e Pavuna, não. A Rocinha está em uma situação intermediária. As melhores, que estão nesse verde mais escuro, são Campo Grande, Ilha do Governador, Irajá, Zona Sul, Tijuca e Vila Isabel. Com relação aos fundamentos do bem estar, incluem o acesso ao conhecimento básico, acesso à informação, comunicação, saúde e bem estar. Do ponto de vista básico, a qualidade do meio ambiente variou menos. Muitas RAs ficaram abaixo da média. Então o mapa mostra essa grande concentração de regiões em vermelho com índices de progresso social baixos e mais ou menos se repete o mesmo padrão. Botafogo, Copacabana, Barra da Tijuca, geralmente, estão nas melhores condições. Com relação a oportunidades, quer dizer, como a sociedade está garantindo oportunidades para que todos realizem seus ideais de vida, está em 56,72, variando de 30 pontos. A Portuária está em 36, uma variação muito grande. Muitas RAs estão abaixo da maioria da média da cidade.

- Eis o mapa das oportunidades, ele tem um bom número de áreas verdes, acima de 50 pontos, até chegar o máximo de 86, e algumas abaixo de 50, que estão em vermelho, variando de 30 a 51,7. Alguns destaques que poderíamos fazer em algumas regiões da cidade, por exemplo, o Alemão registrou a nota mais baixa no componente acesso aos conhecimentos básicos, 31 pontos. A Portuária foi a que menos pontuou em tolerância e inclusão, 40,22 e a segunda menor pontuação no componente de direitos individuais, 25,66.

- O Jacarezinho registrou a nota mais baixa no componente nutrição e cuidados médicos básicos que foi de 37,62. Os destaques positivos, nós temos, por exemplo, a RA de Botafogo, que está bem no índice de progresso social. Botafogo também registrou a nota mais alta no componente de saúde e bem estar. E Copacabana ficou muito bem também no componente de nutrição e cuidados médicos básicos, com 92, em uma escala que vai até 100. A Lagoa, por sua vez, em termos de liberdades individuais, ficou com 96,7.

- Temos, por exemplo, a região de menor pontuação que foi a Portuária em comparação, primeiro, com a renda per capita de 2010, em que ela ocupava, entre 32 RAs, a 28ª posição. Quando comparada com Guaratiba, Cidade de Deus e Santa Cruz, a Portuária faz parte do grupo Maré, Rocinha e Jacarezinho. E essa é uma forma para os gestores e administradores compararem as RAs dentro de um grupo de referência, um grupo que está próximo dela. É o

caso de Botafogo, por exemplo, que tem a renda per capita bem maior do que as 23, portanto, está em uma segunda posição e se compara a Copacabana, Lagoa, Barra da Tijuca. Comparada ao grupo de Tijuca, Vila Isabel e Centro, a questão da alfabetização, o bairro tem uma situação de desvantagem relativa, assim como a questão do acesso ao telefone celular ou fixo. Botafogo, porém, tem uma vantagem relativa no acesso à educação superior.

- Acho que podemos dizer que o TCI, progresso social, está estacionado na cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, está um pouco melhor em relação ao interior. A dimensão que teve mais piora foi a de fundamentos e bem estar, enquanto oportunidades melhorou, se for comparar 2016 e 2020, passou de 53 para 56. Necessidades humanas básicas passou de 75 a 74, houve uma piora pequena. Os componentes quando comparado aos 3 anos, 2016, 2018 e 2020, a segurança pessoal, no último ano, melhorou em relação ao ano anterior, mas não atinge 2016. Há uma boa melhora em 2020, com relação ao acesso ao conhecimento básico, mas uma piora com relação a saúde e bem estar. Direitos individuais há uma piora com relação a 2018. Em termos de liberdades individuais há um crescimento constante. E quase perfeito o equilíbrio com relação ao acesso ao ensino superior.

- Esse mapa faz a comparação do IPS com relação às regiões administrativas de 2018 a 2020. Houve uma pequena diminuição, então pode-se dizer que houve uma estabilidade. Em vermelho, as que diminuíram mais e em azul, as que diminuíram menos. Na Zona Sul há índices mais elevados. Um certo miolo da Zona Norte conseguiu ter um comportamento bem interessante de crescimento. Podemos ver a mesma coisa de outra forma, com relação a arrecadação de cada região. Essa apresentação permite que a pessoa saiba como foi cada região administrativa, como se comportou, diminuiu e aumentou ao longo desse período. O número negativo representa queda e o positivo representa um aumento da variação. Em necessidades humanas básicas há uma melhoria comparada a 2020, mas muito discreta. Só Inhaúma que se destaca bastante com a maior variação negativa. Mais uma vez, esse mapa permite ver as grandezas de cada uma das variações por regiões administrativas e esses quadros são construídos para cada um dos 24 componentes também, não só das 3 dimensões. Na dimensão do bem estar, há uma melhora muito pequena que acaba, especialmente, mostrando uma grande região administrativa que diminuiu e teve variações negativas, algumas até expressivas, com 14 e 12 pontos. E algumas poucas com uma variação de 0,6 até 2,5. E existem regiões, em cinza, que apresenta melhora de 0,6 e 0,5.

- Jailson de Souza: Eu acho que esse trabalho é um grande avanço. Com relação aos indicadores sociais, temos graves problemas, me parece que o IDH, por exemplo, tem um grau muito grande. São Paulo trabalha com um índice de vulnerabilidade social que também apresenta vários problemas. Mas tenho sempre uma preocupação com isso, acho muito difícil de produzir, mas os índices, na forma como eles funcionam, refletem uma concepção de cidade que tende a variar muito pouco. A cidade vem sempre apreendida a partir de 3 elementos fundamentais: o acesso a equipamento, a serviços e a renda. A partir desses pressupostos, a gente termina refletindo essa apreensão da cidade na constituição de índices e na concepção do que seria uma cidade ideal, que sempre são as áreas com mais acesso que serão levadas em conta. Então seria o grande problema do índice, que é um problema geral da concepção de cidade. Então penso, por exemplo, o que a pandemia demonstrou, houve um altíssimo grau de solidariedade nas favelas, nas áreas de classe média também, porém em muito menor quantidade. Existe uma dimensão muito maior da vida na cidade que vai para além do acesso a esses três pontos, que é a dimensão da convivência. Por que a produção cultural é muito mais forte nas favelas do mundo inteiro? Pois lá tem muito mais convivência,

capacidade de invenção e utilização do espaço público de forma comum. Então, se formos levar isso em conta, veremos que a forma de ver, principalmente, nas áreas mais ricas da cidade, são muito centradas e individualizadas e há um déficit profundo de convivência, solidariedade e sociabilidade, onde as relações são funcionais, a partir da relação com o porteiro com o caixa do supermercado e entre outros. Acho que um grande desafio nosso é, se a gente olhar a cidade a partir da dinâmica da convivência, vamos concluir que existem muitos elementos que, ainda nas zonas ricas, deixam muito a desejar. Principalmente, com relação a uma vida mais plena. As favelas e periferias ainda conseguem manter e preservar formas e experiências de vida comum e coletiva que são muito importantes. A primeira questão é que precisamos avançar o IPS, principalmente, na convivência. A segunda questão é em relação a essa perspectiva de segurança pública, acho que temos pouco monitoramento dos impactos policiais. Além da questão da apreensão de drogas, prisões e mortes, precisamos avaliar o impacto sobre a saúde e a evasão escolar. Tem alguns indicadores sobre a qualidade de vida na cidade que a gente precisa ter necessidade de aprofundar e encontrar os mecanismos para medir. Esses são os grandes desafios para o IPS nos próximos anos.

Fernando Cavaliere: Eu concordo. Acho que a questão da sociabilidade é um grande desafio, principalmente encontrar uma forma de se medir isso, porém é uma dimensão muito importante e cada vez mais a gente percebe a importância dela na vida social. Ela tem se reconstruído e modificado. Com relação a esse período da pandemia, ela gerou um comportamento de obediência civil muito interessante, no sentido do afastamento físico, algo que contraria a dinâmica da sociedade que é de contato e interação. Nós conseguimos ter essa novidade imposta pela situação. E a solidariedade e dinâmicas espontâneas foram observadas pela internet e grupos. Nas comunidades, vimos a garra que esse pessoal teve suprimindo a dificuldade do Estado de chegar até esses agrupamentos mais vulneráveis. As pessoas dessas comunidades mostraram uma disposição de guerrilha, inventando novas formas de vida social e de obter recursos econômicos. Não será fácil traduzir isso em números, mas será um desafio que se coloca no nosso índice. Por outro lado, esse, como outros índices, chamam atenção dos governantes nos aspectos frágeis, em cada região administrativa. É preciso, talvez, contrabalancear mais a precariedade e aquilo que há de potência em cada área, comunidade e grupo social.

Pedro da Luz: Acho importante o índice ter uma vida longa e compartilhada, no sentido de que as cidades precisam ter para avaliar onde estamos indo. Uma série histórica é a comparação regional. E nesse sentido, acho que é super importante o município do Rio começar a pensar em uma política de implantação e uma certa regularização, entre os municípios. Para que podemos analisar o que está acontecendo em São Gonçalo, por exemplo, um dos municípios que mais crescem na região metropolitana e, ao mesmo tempo, o que apresenta os piores índices. Será que eles também estão trabalhando com IPS? Eu fico um pouco na dúvida, pois o IPS começa a rodar a partir de um determinado ano e queria saber qual seria. Eu achei a série histórica que você apresentou muito curta, será que conseguimos fazer um vínculo entre determinada política? Por exemplo, a organização de favelas que foi uma política muito forte, mas depois declina fortemente também na cidade, pois não foi uma política continuada. Ela se enfraquece muito. Será que o IPS é capaz de medir a eficiência dessas séries históricas continuadas? Me parece que o IPS é mais recente do que todas essas políticas continuadas de humanização de favelas.

Pedro da Luz: Mas isso precisa de um prazo mais longo porque o tempo da cidade é um tempo, vamos dizer assim, maior, e as coisas políticas precisam de um ajuste mais fácil. Se a

gente for ver, o IPS, de certa forma, por essa apresentação, a cidade não foi nem para frente nem para trás, mas ela ficou estacionária. Eu lembro que o Mauro Osório, esse fim de semana mandou um outro índice também que é o acesso ao Auxílio Governamental do Governo Federal. E aí a gente vê que algumas partes da nossa cidade e alguns municípios, principalmente os da região metropolitana são municípios em que uma parcela expressiva da população é muito dependente. Tem uma porcentagem de 30% da população que solicitou o Auxílio Governamental, mostrando uma grande fragilidade, principalmente se isso parar de ser rodado agora no começo de 2021. Então queria ouvir vocês sobre essa reflexão. a possibilidade de vínculo do índice à políticas efetivas públicas, quando é que isso se desvela, quando é que isso aparece. Pela minha impressão, a cidade está um pouco estacionária nos últimos quatro anos, quer dizer, não foi nem para frente nem para trás, o que é péssimo. Obrigado.

Fernando Cavallieri: Eu vou falar alguma coisa, depois Andrea queria também falar. Olha, Pedro, em primeiro lugar, não sei como é que os colegas interpretam, mas nesse cenário de crise tão grande que a gente vem vivendo desde 2014 e 2015, a cidade ter se mantido nesse nível de progresso social, eu acho que é uma certa vitória. Está estacionada em termos de números, mas se nós formos pegar os indicadores gerais nos quais a cidade está inserida... esse é um comentário. O segundo, com relação às favelas, por acaso tenho até que trabalhar esses indicadores. Nós temos a sorte de ter no IPP dados bastante bons sobre isso. A subsecretaria de educação faz o acompanhamento bem rigoroso de favelas urbanizadas, até, aperfeiçoando, vai lançar agora aplicativos sobre isso, mas já tem lá um mapa de habitação em que é possível resgatar tudo isso. E nós temos o nosso sistema também de assentamento de baixa renda tão antigo que quando eu entrei na Prefeitura, entrei pra trabalhar nele. E tem sido constantemente atualizado com o Carlos Krykhtine, a Adriana Vial. Eu percebi que houve realmente uma pequena melhoria nesse período 2018, 2020 em termos de urbanização das favelas.

- O primeiro índice foi o de 2016, que naturalmente se baseia em dados anteriores, 2015, alguns de 2014. E como eu disse, muitos de 2010, ano de referência do censo. Você conseguir ajustar um índice à uma política não é simples porque as políticas têm a suas temporalidades próprias e agente no índice tem que buscar uma outra temporalidade. Ele é recente mas ele tem essa grande vantagem, que é a possibilidade de a sua atualização constante, pelo fato de trabalhar muito com dados administrativos. A gente fica com uma vantagem muito grande de IDH, por exemplo, que é de 10 em 10 anos. O próprio IDS que é bom também, mas é só de 10 em 10 anos. Para terminar, eu fiz umas contas. Vocês sabem que favelas é um assunto que eu venho pesquisando. E eu verifiquei, em um trabalho que eu tinha feito, que se referia a dados de urbanização de 2010, e agora com os dados de 2020, o aumento da chamada população urbanizada. Embora com dificuldades, com problemas etc, aumentou 98% o contingente do que a gente chamava de população urbanizada, para o que a gente chama hoje, em 2020. Nesses últimos 10 anos, de 2010 para cá. É, de fato, um esforço no qual a Prefeitura tem se saído relativamente bem, com soluções né, com períodos mais brilhantes e outros menos brilhantes. Mas até o novo prefeito já anunciou a retomada do Favela-Bairro, que me deixa também muito esperançoso de que seja esse programa tão bem desenvolvido na cidade. E os dados estão demonstrando isso. Não é toda a imensa população favelada que pode ser considerada urbanizada. Mas o crescimento foi realmente espantoso. Andrea, se quiser...

Andrea Pulici: É muito rápido. Na verdade, o que acontece é que quando eu cheguei aqui no IPP, nós tínhamos planos para cobrar o IDS 2000 - 2010. Então ele usa os dados do censo,

como a gente falou, e ele tem a grande vantagem de que você chega lá, a nível de setor censitário. A questão é que ele depende de um dado que só a cada 10 anos. Por exemplo, agora, teve censo 2010, vamos ver se de fato, como disse o Romualdo, se Deus quiser em agosto de 2021 a gente tenha o novo censo. Até esse dado estar disponível para que a gente possa trabalhar em 2022. Então, se a gente quisesse, por exemplo, fazer qualquer desenho, isso grande parte das cidades prevalecem. Não é toda cidade que tem um instituto de pesquisa, como o IPP ou uma base cartográfica como a gente tem aqui, a gente conta no dedo da mão as cidades que têm dados administrativos esquematizados. Então você fica na dependência de ter ali um dado de censo. A ideia era tentar construir uma rede de indicadores que tivessem periodicidade. Ou seja, a gente usar a capacidade da Prefeitura de ter dados administrativos e que esses dados possam servir para possibilitar esse monitoramento do planejamento. A ideia da construção do IPS foi essa. Então a gente levantou uma série de indicadores, mas a gente não tinha certeza absoluta que esses seriam reproduzidos. Então a gente também tentou se segurar em indicadores que a gente pudesse sempre estar atualizando, porque não tem sentido. Se na plataforma de dados do IPS eu tiver dificuldade com os indicadores, eles nunca poderão ser comparados. Por exemplo, a ANA, ela é a prova de alfabetização do Ministério da Educação há anos. A gente se deparou, ano passado, com a não realização da ANA e não tem calendário da ANA.

- Então, por exemplo, provavelmente, no nosso relatório final do IPS, a gente vai estar levantando algumas questões de alguns indicadores que a gente vai ter que rever. Porque também não adianta eu ter os indicadores e nunca conseguir atualizar eles. Então, a tentativa do IPS também vem um pouco dessa, de eu conseguir fazer essa ata histórica. Então nosso primeiro IPS foi em 2016. Alguns dados eu não teria como voltar atrás. A gente fez as necessidades em 2016 e de 2016 pra cá a gente veio atualizando. Em 2020, por exemplo, a gente ficou se questionando muito. A gente esperava ter o dado do censo agora no finalzinho do ano para conseguir fazer uma boa atualização dele. Porque como o Nando falou o nosso denominador ainda vem, o nível de população, por mais que a gente use estimativa, quando você vai por estimativa ou por RA ela não é perfeita. A gente, enquanto Prefeitura tem que chegar com rigor estatístico alto, não pode usar qualquer dado. Então essa é a história do IPS. Se eu tivesse na academia, eu diria que faria voos mais altos, mas eu to na Prefeitura e é o dado oficial da Prefeitura. Então eu também tenho que deixar bem ciente disso.

Carlos Krykhtine: Próximo, Cláudia Escarlatte. Por favor, Cláudia.

Cláudia Escarlatte: Boa tarde a todos. Obrigada Andrea, obrigada Fernando. Ótima apresentação e eu gostei muito da consideração do Jailson e queria fazer outra pergunta, mas aí eu também vou aproveitar o gancho dele porque eu acho que a gente pensa a cidade de acordo com o que a gente mede nela. Eu não sou da área de dados de informática, mas, assim, já fazendo formação fora do Brasil eu aprendi novas técnicas de mudança e medição do espaço público. Estou citando como um exemplo, que não tem a ver com o trabalho de vocês, mas por exemplo, se eu quisesse aplicar aqui na prefeitura do Rio de Janeiro eu não conseguiria, porque eu não tenho o levantamento dos dados para poder aplicar e criar esse índices, índices de espaço público, de saúde e espaço público, na área que você tá usando o espaço público com ciclovias, com arborização, como é que isso melhora a vida das pessoas e como é que isso pode vir a melhorar a saúde geral da população. Então, assim, é um exemplo de que o que a gente está medindo acaba induzindo a gente a trabalhar a cidade de uma certa forma. Então eu lembrei disso quando o Jailson falou da questão de medir esse índice social, por causa da questão das comunidades, como que a gente poderia trabalhar de uma forma

nova. Esse é um ponto. E a Andréia já me falou das dificuldades dos índices que têm que casar com os índices internacionais e etc. Mas a gente olhando, eu cheguei um pouquinho atrasada, mas vendo a apresentação do Fernando desde a hora que eu entrei, os dados meio que confirmam uma coisa que a gente já vê há muito tempo na cidade. Nós, urbanistas, já sabemos onde que os índices são maiores. Pode ter uma variação ou outra, mas a gente já meio que conhece onde que o investimento é maior historicamente. E não é só nos últimos 4 ou 5 anos. Isso vem desde a fundação da cidade, desde o Pereira Passos, enfim. A gente sempre teve um investimento maior na área junto à orla, junto à Lagoa, na Zona Sul do Rio e em detrimento de outras áreas que se tornaram áreas mais industriais. Então, é pensando como planejadora da cidade, uma pessoa que pensa a cidade. Como é que esses dados, por exemplo, são passados para o resto da Prefeitura e como é que se trabalha ele com as outras secretarias? Isso é uma dúvida que eu tenho, porque eu vejo o trabalho de vocês, mas como é que isso se replica e como é que hoje isso é aplicado realmente, e como isso poderia ser mais efetivo, se a gente pudesse fazer novas medições, criar novos índices, em que a gente pudesse trabalhar mais com outras formas de pensar a cidade, que não são tão padrão, enfim, que não é da forma que a gente vem trabalhando nos últimos 30 ou 40 anos.

- Eu estou aqui fazendo uma tempestade, uma provocação mesmo. Mas não me levem a mal. Não estou fazendo uma crítica, mas é porque é uma coisa que me incomodou muito quando eu fui buscar levantar dados da Prefeitura que eu não tinha como, porque, por exemplo, eu chegava na CET-Rio e ah, eu não posso medir nada na calçada porque eu não tenho contrato com a empresa para medir; no meio ambiente eu não posso medir o nível de barulho porque eu não tenho contrato do equipamento que mede. Então como é que eu poderia ver esse índice de saúde com os dados que eu poderia levantar no espaço público para medir antes de fazer uma proposta e depois de aplicar essa proposta, como é que naquela região eu melhorei e diminuí o acesso da necessidade a uma clínica da família e a um hospital porque eu dou condições para que as pessoas tenham uma vida mais saudável e etc. Enfim, isso é só um exemplo. Mas que queria ver como que a Prefeitura trabalha em conjunto a esses dados, e quais dados mais a gente precisaria. Isso aqui é uma provocação para que a gente possa realmente trabalhar a cidade nas questões que a gente está sentindo aí. Porque a gente vem planejando a cidade sempre baseada nesses dados e a coisa, como mostra o gráfico, não está mudando. Enfim, já não é de hoje.

Fernando Cavaliere: Vou falar um pouco também. A Andrea provavelmente vai ter muito a contribuir. Obrigado. As suas críticas são sempre bem-vindas.

Cláudia Escarlante: Não são críticas, são provocações. Porque realmente são coisas que passam na minha mente e eu queria entender melhor.

Fernando Cavaliere: Eu tenho uma visão positiva sobre a palavra 'crítica'. Bem, mas, enfim. Fico feliz quando você diz assim: olha os gráficos mostram o que a gente já sabia. Ótimo! De certa maneira isso é bom, porque nós não estamos, então, construindo nenhum monstro, nenhuma falsa visão da realidade. E você tem razão também quando diz que a gente vê a cidade, muito interessante essa sua frase, de acordo com aquilo que a gente mede. Isso é um princípio filosófico de metodologia do conhecimento de qualquer objeto, você conhece o objeto, aquilo que você consegue ver nele. Portanto, em uma realidade complexa, aquilo que você consegue medir. Eu concordo com você que a gente pode, como Prefeitura, como sistema de conhecimento sobre cidades e etc, avançar muito nessa questão da mensuração de outros dados. Você chamou atenção a uma nova, digamos dimensão, diferente até um pouco daquela complementar, mas diferente da que o Jailson tinha falado, também muito importante. E

tenho certeza, e o Carlos Krykhtine é um grande comandante dessa área, que foi feito um esforço muito grande, nos últimos anos, para criarmos o SIURB (Sistema de Informações Urbanas). Um sonho nosso de séculos que é ter um sistema integrado, corporativo e cooperativo, que teve muita adesão de todos os órgãos de secretaria. É um passo importantíssimo, não é atoa que ainda tem muita coisa a ser feita, mas sem dúvida nenhuma acho que foi um avanço muito grande. Claro que as novas tecnologias de informática e de geoprocessamento possibilitaram isso em uma escala que antes talvez não fosse possível. Mas é também mérito muito grande dessas últimas administrações de ter perseverado na manutenção, na construção desse sistema. E eu acho que isso é o que tem que acontecer também com esse índice e com outros mais que a gente vem fazendo, que é perseverar, continuar, melhorar, mas não abandonar. Para que a série, né Pedro, venha a ser uma série cada vez mais robusta. Andrea, se quiser falar...

Andrea Pulici: Eu também concordo com o Nando. Eu acho que... [trecho inaudível]. Então são pequenos ajustes que você, de repente, poderia fazer para que você melhorasse essa capacidade de oferecer uma qualidade de vida melhor para o morador. E eu acho que essa é a pegada do IPS. Por isso que ele não deve procurar pela renda. Ele parte do princípio de que qualquer área da cidade tem que prover Necessidades Humanas Básicas, Fundamentos para Bem-estar e progresso para todo mundo, de uma maneira igualitária. Então, tem sempre, quando olha, Botafogo era a RA melhor do IPS. Aí você fala "Poxa, mas não é a Barra? Não é o Leblon?". Não é! Porque dentro dos 36 indicadores, Botafogo permite que o morador tenha maior facilidade dentro da área que ele mora. Se você pega no contra senso municipal da área mais rica da cidade, você tem bairros da Zona Norte que têm IPS muito bons e que têm melhorado, por exemplo, porque eles fazem o que a gente chama de Mais com Menos. Então é esse tipo de análise que a gente tentou trazer ao construir o IPS. A aderência dele com o planejamento, quando nós desenhamos ele em 2016, foi exatamente para monitorar o Plano Vive Rio 1500. Um Plano que sucederia um Plano em 2016 (1450, 1500). E o pessoal que está hoje na subsecretaria de planejamento seguiu o mesmo critério do plano diretor e tem usado o IPS. Nele integral, e em alguns meios o trabalho de indicadores. Então a gente veio monitorando sempre o faturamento.

- O IDS, por exemplo, é utilizado para toda a cobertura de estratégia do Bolsa Família. No último plano, todas as áreas que tinham IDS abaixo de 0,50/0,55 teriam que ter estratégia da família. De alguma maneira, a gente vem conseguindo introduzir, não é simples, o uso desses indicadores, nas execuções prioritárias de política pública. Mas tem um pouco, também, a questão de que eu quero fazer esse projeto. E depois você vai medir. Agora, você falou uma coisa que é "a gente queria fazer um projeto e ter, por exemplo, a análise dos indicadores do antes e depois". Se você quiser fazer, a gente está aqui à disposição, é para isso que a gente serve. O IPP é o maior meio para todas as secretarias. Foi assim, por exemplo, que se deu esse RP (Regiões de Planejamento), que eu falei, da Secretaria de Assistência. A Secretaria de Assistência nos procurou porque queria fazer um novo índice para calcular o Programa Bolsa Família e o Cartão Família Carioca. Sendo hoje o grupo de especialistas do IPP e na Assistência deveriam seguir com eles. A gente está aqui aberto a isso. A gente não encerra o nosso trabalho no IPS.

Cláudia Escarlatte: Isso é super legal, saber que a gente pode criar novas formas de medir a cidade, baseado nos problemas que a gente vem enfrentando. Principalmente o esvaziamento do espaço público. O espaço público, principalmente a área de calçadas etc. onde o pedestre anda, nada se mede. Então a gente não sabe cruzar segurança com iluminação, com

quantidade de pessoas que circula, idade, sexo, o que elas fazem naquele espaço... a gente mede muito carro no Rio de Janeiro. A CET-Rio mede carro, a gente mede ônibus, mas a gente não mede o pedestre, que são as pessoas. Elas deveriam ter prioridade. Então, são coisas que eu acho que a gente poderia, talvez, fazer um trabalho bacana aí no futuro. Obrigada. Parabéns ao trabalho de vocês. Eu acho vocês sensacionais. O Siurb eu conheço, a gente já participa. O Patrimônio, inclusive, é um aplicativo que a gente fez em conjunto.

Obrigado, Cláudia. O próximo agora é o Romualdo. Romualdo, por favor.

Romualdo: Eu fiquei na dúvida, primeiro, se você é botafoguense ou flamenguista. Outra coisa: apesar do cabelo mais preto, eu tenho quase a sua idade. E cada vez que eu te ouço eu sugo a sabedoria que você tem, e acho que os mais jovens devem estar fazendo o mesmo, para estar realizando esse trabalho que estão fazendo dentro do IPP. Bom, vamos lá. Uma coisa fundamental no estudo de pesquisa. E aí vai um parêntese que, se você pegar no Brasil, acho que 99% dos municípios não têm, vamos dizer, um instituto organizado no nível do Instituto Pereira Passos. Isso só foi possível através dos índices que vocês seguem, em termos de comparação internacional, utilizando dados já existentes como do IBGE, que também segue as tendências internacionais que nem sempre a gente pode fazer como o agente necessita. Até para você conseguir realizar esses índices, isso é de suma importância do instituto de pesquisa, porque senão ele não sobreviveria. A maior força é a hora que a gente coloca a nossa cesta de produtos e o poder público não se utiliza dela. E está ligada. E quando você pega em termos municipais, é caótica a situação do Brasil. E quando você pega o Rio de Janeiro, ele não consegue oferecer uma cesta de produtos. E cada vez mais ampliando, como você falou com o SISURB, por exemplo, que é fantástico. Isso aí já é o princípio da organização de todas as secretarias nesse sistema. É que você passa a ter esse orgulho da utilização dos dados que você produz. Isso para mim é de suma importância.

- A ideia de comparação, a ideia de série histórica, como o Pedro colocou, isso é fundamental para o instituto de pesquisa. É você poder comparar com o anterior, é você poder ver a série histórica, em que caminho que está. eu vi varias criticas Construtivas. Mas eu digo a vocês que na minha visão, de fora da prefeitura, Eu vejo uma evolução franca do Instituto. E, cada vez mais. Já conhecia ele há mais de 20 anos, já trabalhava há mais de 20 anos. Você estava falando da dependência do censo demográfico, por exemplo, com a autorização que você tem, das informações. Vocês sabem que na hora que vai se construir o censo da cidade do Rio de Janeiro, o primeiro lugar que nós vamos é o Instituto Pereira Passos. É daí que sai a base cartográfica, as informações, principalmente de toda a parte geográfica da cidade, que já tem dados avançados, que o próprio IBGE não tem. Nós utilizamos esses dados para fazer o censo. Então é super importante essa sequência que você tem.

- Agora falando sobre o censo demográfico que não foi realizado no ano passado e que está previsto para ser realizado agora em 2021. Na última reunião que eu estive como presidente, bateu-se o martelo de que vamos realizar em 2021 da seguinte forma: vai ser um censo híbrido. Você vai ter internet, telefone e forma presencial. Todos com treinamentos virtuais. E já estão começando os treinamentos. Então aposta-se que uma boa parte da população já esteja vacinada lá para agosto. Eu ainda tenho minhas dúvidas, confesso pessoalmente. Mas o cronograma está mantido para ser realizado em 2021. Certo? Bom, como na apresentação, tanto dos Carlinhos, como da Andrea, como a sua. Parabéns, não preciso nem repetir. O que eu falei vale para os três. Me chama atenção uma coisa que eu gostaria até de uma opinião sua. Botafogo está na média como o melhor, me chama atenção. Por um acaso eu moro em Botafogo e, ao longo dos últimos anos, eu vi uma mudança clara em Botafogo. É um bairro

que convive com as diferenças. Você tem até, às vezes, pessoas com nível de renda alto e com nível de renda baixo. E essa convivência sempre foi harmônica no dia a dia, é um bairro de passagem. E me chamou a atenção nos últimos seis/sete anos o número de investimentos que saíram de outras áreas por aqui ser mais barato o aluguel, principalmente comerciais e de serviço, até de um nível muito mais elevado do que a própria utilização da população de Botafogo. E isso me chamou a atenção. Eu não sei se isso se confirma, se é uma coisa vista nesses indicadores. Mas parece que sim, senão Botafogo não estaria onde está. Por ser um bairro de passagem, um bairro bem médio e não ser um bairro chamariz, vamos dizer assim, mas que acabou se tornando um chamariz. Por isso eu queria a sua opinião em relação a isso. No mais, é isso. Parabéns, velhinho. Você está de parabéns.

Fernando Cavallieri: Obrigado, Romualdo, velho amigo, companheiro. Suas palavras são encorajadoras.

O presidente do IPP, Paulo Cesar Amendola, agradeceu aos presentes e encerrou a reunião do Conselho Estratégico.

A Assessoria de Comunicação tomou notas e elaborou esta Ata, que será assinada pelos conselheiros presentes. Eventuais correções serão encaminhadas pelos conselheiros e constarão da ata da próxima reunião do Conselho.